

**AUDRE
LORDE**

TRADUÇÃO
STEPHANIE BORGES

A unicórnio preta

POEMAS

9 *“Entre Nós”: As Visões e Palavras
Vivas de Audre Lorde*

JESS OLIVEIRA

17 *Nota da tradutora*

PARTE 1

- 21** A unicórnica preta
- 23** Uma mulher fala
- 27** Da casa de Iemanjá
- 31** As mulheres coniagui
- 35** Uma pedra atirada dentro
da água não tem medo do frio
- 37** Daomé
- 41** Abomé e rua 125
- 45** As mulheres de Dan dançam com espadas
em suas mãos para ressaltar a época em que
elas eram guerreiras
- 49** Saara

PARTE 2

- 57** Harriet
- 61** Corrente
- 67** Sequelas
- 73** Para Assata
- 77** A princípio pensei que você falava de...
- 81** Uma litania pela sobrevivência

- 85** Encontro
89 Mudanças de estações
93 Em turnê
97 Os limites do nosso quintal
101 Elogio a Alvin Frost
109 Refrão
111 Suportar
113 Para Martha: Um ano novo
115 No jardim de Margaret
119 Cicatriz
127 Retrato
129 Uma canção para muitos movimentos
133 Irmão Alvin
137 Bilhete da escola
141 Escavando
145 Lá fora
151 Terapia
153 A mesma morte várias e várias vezes
ou Canções de ninar são para crianças
155 Balada para cinzas

PARTE 3

- 159** Uma mulher/ Canção fúnebre
para crianças desperdiçadas
163 Partindo

- 165** Relógio
169 Alerta de nevoeiro
173 Caminhos: de mãe para mãe
177 Dança da morte para uma poeta
181 Sonho/Canções para a Lua da terra de Beulah I-V
189 Recreação
193 Mulher
195 Tempos
199 Fantasma
203 Artesã
207 Carta para Jan
211 Poema bicentenário #21.000.000

PARTE 4

- 215** Os velhos tempos
219 Lentes de contato
221 Levemente
225 Chama suspensa
229 Mas o que você pode ensinar a minha filha
231 De dentro de uma bolsa vazia
235 Um pequeno assassinato
237 Da estufa
241 Pedras do caminho I-XI
249 Sobre religião

253	Irmã outsider
255	Bazar
257	Poder
263	Louvor
265	“Nunca roube o fogo de uma mulher”
267	Entre nós
275	Promessa futura
279	A donzela desleixada
283	Solstício

287 *Sobre a autora*

289 *Um glossário de nomes africanos*

295 *Sobre a tradutora*



“ENTRE NÓS”: AS VISÕES E PALAVRAS VIVAS DE AUDRE LORDE

JESS OLIVEIRA

*nossas vozes
parecem altas demais para esse pequeno quintal
hesitantes demais para mulheres
tão apaixonadas*
Audre Lorde –
“Os limites de nosso quintal”

*eparrei oyá
dizem que onde tem uma
filha de oxum
perto pode-se ver uma
filha de oyá
são tantos os itãs de
amor e ódio entre as
duas.
de inimigas mortais a
amantes passionais.
relação intensa.
oraiêiê oxum*
Vic Sales –
“amor de ilê”

Em abril de 1978, Audre Lorde publica “Para começo de conversa: alguns apontamentos sobre as barreiras entre as mulheres e o amor”¹ na edição especial “Blacks & The Sexual Revolution” da revista *The Black Scholar*, que se propôs a discutir internamente o machismo nas comunidades negras. No artigo que abre esta edição, a poeta não apenas dialoga com homens pretos sobre o machismo que perpetuam, como também chama atenção para a lesbofobia por parte destes e por parte de mulheres pretas heterossexuais. *A unicórnica preta* é publicado no mesmo ano (1978) e pode ser lido como o resultado poético de uma série de elaborações de Audre Lorde engatilhadas a partir de situações vividas por ela, durante as décadas de 1960 e 1970, tanto nos movimentos negros quanto no movimento feminista branco. Sendo negra, sapatão, mãe e feminista, ela deveria, supostamente, ser recebida e ouvida em ambos os movimentos, mas encontrava nas organizações negras muita lesbofobia, e em meio às feministas brancas muito racismo.

A partir dessas experiências de negação: de negritude (por ser sapatão) e de mulheridade (por ser preta), e da extrema violência que assola a comunidade negra interna e externamente, Audre Lorde mergulha em sua ancestralidade africana, trazendo-a para o centro de sua poesia. Os poemas de *A unicórnica preta* nos apresentavam com imagens antigas e latentes, africanas e afrodiaspóricas, com frescores de rio, com levezas de vento, com eloquências exusíacas, com visões, com ideias e imagens nas quais nós, sapatonas pretas, podemos nos ver amando e amadas. E eles ainda dão conta de erguer-se contra a violência policial, contra o feminicídio etc., como a poeta já vinha fazendo em ensaios e poemas anteriores.

A culminância dessas presenças ancestrais e genealogia poética, em vez de apagar, reforça a voz feminista preta da poeta, ao pas-

1 \ Ensaio acessível em Lorde, Audre. *Irmã Outsider*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2019. A primeira edição de *Sister Outsider* é de 1984.

so que também a distingue ontologicamente do feminismo branco ocidental. A unicórnica preta não é necessariamente mulher, por ser preta e não humana, por ser unicórnica. Através dessa imagem, Audre Lorde reivindica integralmente a centralidade e completude de sua subjetividade, na qual sua negritude, lesbianidade, mulheridade, maternidade, espiritualidade são indivisíveis e, portanto, questões das movimentações negras e feministas.

A unicórnica preta é opaca no sentido glissantiano², já que as lentes da transparência humanista eurocêntrica não conseguem lê-la. Essa visão lordiana abre caminhos para o pretume da noite, para o escuro da terra, para o ancestral, convocando guerreiras e feiticeiras do antigo Reino de Daomé, Seboulisa, a “mãe de todes nós”, Iemanjá, mulheres Coniagui etc., que são, ao longo dos poemas, evocadas e conjuradas auxiliando a poeta a proclamar sua liberdade e de todas as pessoas pretas. Essa comunidade ancestral nos posiciona no mundo e nos lembra que o nosso amor não se origina em uma ilha grega, nem em qualquer outra parte do projeto da modernidade ocidental, mas resiste – seja no Harlem, nos quilombos brasileiros ou nos palenques colombianos. Lorde nasce em Nova York, em uma família caribenha – sua mãe é de Granada e seu pai é de Barbados – e sua poesia a reconecta à Costa Ocidental africana, ao Caribe e ao Harlem, como pode ser observado em poemas como “Abomé e rua 125”.

Nesses ancestrais tempos e espaços não-lineares evocados na poesia de Lorde, a liberdade de sapatonas pretas é forjada, mas não só a delas: Audre traça uma genealogia afrocentrada cuja centralidade está no amor entre mulheres pretas, um amor que se reflete no espelho e que é comunitário, podendo ou não incluir relações sexuais e/ou casamento. Em “Para começo de conversa”, a poeta cita casamentos documentados entre mulheres de povos Fon, bem como tradições de cuidado entre mulheres em culturas

2\ Ver: “Pela Opacidade” In: *Poética da Relação*. Tradução de Manuel Mendonça. Lisboa: Sextante Editora, 2011.

do Antigo Reino de Daomé (atual Benim) e de mulheres Ashanti, apontando para um *continuum* amoroso entre mulheres africanas e pretas da diáspora, como Harriet Tubman, as *Zami* (mulheres que trabalham e amam juntas) das ilhas Carriacou e por que não as sacerdotisas de religiões de matrizes africanas no Brasil? Lorde declara esse amor no poema “Para Assata”: “Eu sonho com a sua liberdade / como uma vitória minha / e a vitória de todas as mulheres escuras / que renunciaram às vaidades do silêncio / que guerreiam e choram / às vezes contra nós mesmas.” sem virar as costas para homens e meninos pretos, como observamos em poemas como “Elogio a Alvin Frost”.

Todas as figuras evocadas pela poeta e presentes em nossa memória, além de libertar nossa imaginação para elaborações mágicas e poéticas pretas, também nos libertam de representações únicas da racialidade (geralmente hetero-masculina) e da homoafetividade aceitável (sempre branca). Ao nomear seu livro com um ser mitológico preto, que talvez não exista no que se costuma chamar realidade, na taxonomia e classificação feita há séculos por homens europeus, a poeta nos brinda com a possibilidade da imaginação fora do real e do imediato que capturam e enquadram pessoas racializadas como negras nas Américas. Assim como a unicórnica, nós também viemos de outras partes, amamos de outras formas, não cabemos no binarismo de gênero, nos dimorfismos sexuais e em outras ideias coloniais, racistas, misóginas e LGBTQIAfóbicas. Audre Lorde nos lembra, assim, de um chão onde podemos nos firmar, reverenciar, e de onde é possível forjar ferramentas capazes de dismantelar a casa do sinhô e da sinhá, da heterossexualidade compulsória, da branquitude, da gramática de línguas europeias. Lembremos que, para ela, a poesia “é o uso mais subversivo da língua, por alterar os sentimentos das pessoas” e, portanto, por gerar mudanças no mundo. Um exemplo desse poder é o episódio de Lorde em Berlim, onde orquestrou, entre 1984 e 1992, encontros de mulheres negras alemãs e/ou que viviam na Alemanha. Em 1984, após uma aula de

poesia na Universidade Livre de Berlim, onde era professora visitante, Audre solicita que todas as mulheres brancas se retirem e que todas as mulheres pretas permaneçam e conversem entre si. Essa simples solicitação iniciou debates sobre identidade, história e experiências dessas mulheres e de suas famílias, fazendo ebulir suas escritas individuais e conjuntas acerca da empresa colonial alemã no continente africano, sobre histórias pretas na Alemanha e sobre o racismo e machismo que enfrentavam. Publicações como *Farbe Bekennen: Afro-deutsche Frauen auf den Spuren ihrer Geschichte* [Mostrando Cor-agem: Mulheres Afro-alemãs em Busca de suas Histórias], de 1986, incluíam ensaios, entrevistas, poemas, conferências, pesquisas acadêmicas, etc. Audre Lorde também cunha com mulheres negras alemãs, em 1984, a auto-designação política afro-alemã/o e, mais tarde, “negra alemã” / “negro alemão”:

já que tínhamos muitas
denominações
que não eram nossas
já que não conhecíamos nome
pelo qual gostaríamos de nos
chamar

may ayim (1992)
“soul sister”

Desses encontros com Lorde também foram fundadas a *ISD* ou *Initiative Schwarzer Menschen in Deutschland* [Iniciativa de Pessoas Negras na Alemanha] e a *ADEFRA* [Associação de Mulheres Negras na Alemanha]. No caso alemão, ativistas pretas lésbicas são pioneiras e protagonistas nessas movimentações por direitos e por uma reestruturação da narrativa nacional; a produção de conhecimento sobre a experiência negra na Alemanha é estruturada na manutenção de visões, encontros, trocas e reflexões

dessas ativistas com Audre Lorde. Hoje, o legado de pretas lésbicas se fortalece em toda a diáspora. Temos celebrado as visões e legados interseccionais do coletivo de pretas lésbicas Combahee River. Das 3 fundadoras do movimento Vidas Negras Importam nos EUA, 2 se auto-definem como *queer*. No Brasil e em todo o mundo, a luta e legado de Marielle Franco são símbolos e alimento para lutas antirracistas e antiheterocissexistas, e seu assassinato brutal manifesta todo o ódio que a sociedade reserva para pessoas como ela. Os trabalhos dessas e de muitas outras pretas que amam pretas ressaltam que nós sempre fizemos parte de toda e cada uma das lutas por liberdade na diáspora.

Influências da poética e visões lordianas podem ser encontradas no Brasil no trabalho de Tatiana Nascimento, poeta, compositora, editora e tradutora brasileira que há mais de uma década nos presenteia com sua própria poesia, com traduções de pretas lésbicas e com teoria sobre essas traduções, elementos que compõem o que a poeta chama de cuírlombismo literário: essa visão que nos instiga a fabular um mundo onde imaginamos, respiramos e amamos fora do poço da dor, do proibido e do denunciamento.

Na poesia da paulistana Vic Sales, onde ancestralidade, orialidade e amor entre pretas são fundamentos. No trabalho da artista soterocajuana Bruna Barros em seu filme “Amor de Ori”, uma belíssima releitura do itan sobre o encontro amoroso de Oxum e Oyá, atravessada pelo poema homônimo de Vic Sales e também nas aquarelas de Ani Ganzala, artista visual de Salvador, que retrata a complexidade e simplicidade cotidianas que envolvem as vidas de pretas lésbicas.

Portanto, é imprescindível que recebamos a poesia de Lorde como continuidade e extensão de nossos legados na diáspora. Audre é nossa irmã, não uma grande novidade do norte, tampouco um produto editorial. Olhar, cuidar e amar a nós mesmas, nossas mais velhas e mais novas e aquelas pretas que estão do nosso lado e em nosso cotidiano é poderoso e antiquíssimo e a

poesia preta sapatão está aí para nos lembrar disso!

Audre Lorde, que sua poesia seja bem-vinda, que floresça em
nossos corações e que se traduza em nossas ações!

Estávamos te esperando de braços abertos há tanto tempo...

sua influência avança viva
em suas obras
nossas visões
carregam vivências
de suas palavras

may ayim (1992)
“soul sister”

Salvador, 31 de julho de 2020

JESS OLIVEIRA é crítica literária, poeta, tradutora e editora. Douto-
randa em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia
(UFBA), mestra em Estudos da Tradução pela Universidade Federal
de Santa Catarina (UFSC) e Bacharela em Letras (português e ale-
mão) pela Universidade de São Paulo (USP).